

# ESTADO DO PARANÁ

## SECRETARIA DA AGRICULTURA E DO ABASTECIMENTO

### DEPARTAMENTO DE ECONOMIA RURAL

## PECUÁRIA DE CORTE

Elaboração: Méd. Vet. Adélio Ribeiro Borges  
Data:23/08/2011

Historicamente as cotações e preços da arroba em São Paulo, são superiores em cerca de 2 a 3% aos praticados em território paranaense. Na atual conjuntura com o aquecimento do mercado do boi gordo no Paraná essa situação se inverteu.

Um pecuarista que esteja comercializando hoje uma boiada de 200 cabeças na região de Londrina, com média de 18 arrobas por animal suplementado a pasto ou terminado em confinamento, terá um lucro superior ao produtor paulista.

Segundo o SIMA (Sistema de Informações do Mercado Agropecuário) publicado e veiculado diariamente pela DEB/DERAL/SEAB-PR, a arroba em Londrina no dia 23/08/2011 estava a R\$ 102,00 o que significaria R\$ 1.836,00 por cabeça vezes 200 bois, um total de R\$ 367.200,00. No comparativo com os preços máximos de São Paulo, o produtor do Paraná estaria recebendo um diferencial positivo da ordem de R\$ 7.354,00 na venda de 200 bois.

Diferencial este muito justo uma vez que em função da qualidade genética, do rebanho do núcleo regional de Londrina, onde predomina o cruzado industrial. É fato de que o rendimento de carcaça do cruzado industrial, ultrapassa os 55%, além do que trata-se de “carne marmorizada” que apresenta, sabor, suculência, textura e maciez satisfazendo os mais exigentes mercados internacionais.

### **Causas da diferença das cotações São Paulo x Paraná:**

Como é sabido a decisão de venda do boi gordo, historicamente obedece três critérios principais :

- 1- Valores reais U\$ / arroba ;
- 2- Valores nominais R\$ / arroba ;
- 3- Relação de troca boi gordo x gado para reposição.

O item um, já há algum tempo foi abandonado, em função da atual política cambial.

Porém, é bom lembrar que quando o “cambio estava ajustado” os preços da arroba do boi gordo oscilavam durante muitos e muitos anos entre U\$ 19,00 a U\$ 23,00/arroba.

Atualmente considerando o câmbio R\$ 1,56 para U\$ 1,00 e arroba a R\$ 102,00, a venda do boi gordo significaria U\$ 65,38/arroba.

Desta forma, a decisão mais coerente, caso o pecuarista seja recriador ou terminador, o parâmetro melhor a ser usado é a relação de troca.

Às vezes em valores nominais está aparentemente bom, mas quando analisa a relação Boi Gordo x Bezerro ou Boi Gordo x Boi Magro, ou seja denominado mercado físico, a venda naquele momento é desvantajosa.

Nesta condição, ele adia sua decisão, na expectativa de uma elevação do preço da arroba, ou redução de preço do gado para reposição.

Consultando a equipe técnica do DERAL do interior do estado, bem como, pecuaristas com tradição no mercado, tudo leva a crer que este é um dos principais fatores, para redução na oferta de bois para abate, é o que se denomina de escassez de matéria-prima para as “plantas frigoríficas”, e conforme anteriormente citado escassez de gado para reposição.

A informação que temos dos colegas do interior é de que as escalas de abate estão muito “curtas”, para este período do ano.

Outros denominam de “queda de braço” entre a indústria e o produtor. Este último, não pode ofertar se a relação de troca estiver desfavorável ou se os preços não garantirem, uma rentabilidade adequada em função dos seus custos de produção e riscos do investimento.

Nas regiões de Ponta Grossa e Guarapuava a venda de bezerros de desmamados a um ano de idade, tem variado entre R\$ 4,00 e R\$ 4,50/kg de peso vivo, o que significa em arroba entre R\$ 120,00 e R\$ 135,00/arroba (30 a 33% de diferença em relação a arroba do boi gordo).

Ou seja diferencial bem superior ao máximo dos últimos anos de 15%. Na região norte e noroeste do estado, vários leilões de gado geral, pré agendados não aconteceram

por falta de oferta. Fato esse explicado pelos melhores preços obtidos diretamente com a venda na propriedade, não compensando ao produtor arcar com os custos exigidos pelos leilões.

Um terceiro fator é o que temos registrado nos prognósticos de bovinocultura de corte 2008/2009, 2009/2010, ou seja o ciclo pecuário.

Em função do ciclo descrito nestes documentos, o quadro de escassez de gado para reposição e mesmo de bois gordos está mais um ano se confirmando. Como não foram tomadas medidas para minimizar os efeitos do ciclo pecuário o quadro de escassez continua:

Analisando as variáveis que influenciam a oferta, devem se aprofundar nos próximos meses o quadro de escassez o que pressionará para cima os preços.

A economia brasileira está nos "trilhos", tanto é que hoje assistimos a corrida de investidores estrangeiros para o setor produtivo . (Revista Época de Julho 2011). Os preços das "commodities" também estão elevados no mercado interno e externo.

Quanto as "carnes substitutivas" ou seja, frango e suína, a tendência no médio prazo é de elevação de preços, devido a menor produção de milho safrinha no Paraná impactado por geadas severas segundo o DERAL, a queda foi superior a 32%. No Mato Grosso do Sul, as geadas também comprometeram em muito a produção e a produtividade. Com isto é esperado o repasse do aumento do custo de produção destas carnes para o consumidor, uma vez que o milho é o principal insumo e que tem maior peso no arraçamento destas espécies.

Quanto ao mercado externo este é promissor, uma vez, que hoje os principais importadores estão fora da União Europeia. Tudo leva a crer que apesar do câmbio desfavorável devemos ultrapassar os U\$ 4,7 bilhões de 2010. O "recorde" foi 2008 ou seja, U\$ 5,3 bilhões.

Conforme anteriormente citado o clima principalmente na região centro sul do estado do Paraná ou seja abaixo do paralelo 24, tem sido muito favorável ao bom desenvolvimento das pastagens de inverno (azevém + aveia), o "veranico" de julho nesta região proporcionou uma boa rebrota dos pastos, aliado a chuvas bem distribuídas e temperaturas adequadas. Em função disto o aumento significativo da demanda pelo gado de reposição.

O MAPA (Ministério da Agricultura e Pecuária), através do Plano Safra 2011/2012, disponibilizou algumas linhas de crédito para os pecuaristas que ficaram alijados do crédito de 1980 a 2006. Na verdade neste período havia disponibilidade, porém só para custeio pecuário.

As linhas disponíveis para investimento, além do montante ser muito "aquém" do desejável os prazos as carências e as taxas de juros cobradas neste longo período eram incompatíveis com a rentabilidade da bovinocultura de corte neste mesmo período, podendo o pecuarista correr um alto risco de inadimplência. Durante todo este tempo não havia fonte de recursos para aquisição de vacas, novilhas e touros a nível de fazenda.

Outra observação que não pode deixar de ser registrada é que a baixa rentabilidade da bovinocultura de corte no Paraná e no Brasil foi o principal fator que pressionou os criadores a abaterem vacas e novilhas para saldar seus compromissos . Esta rentabilidade na maioria das vezes negativa, principalmente do sistema de produção de cria (venda de bezerros e bezerras de desmamados a um ano de idade e vaca de descartes) no período de 2002 a 2009 provocou a reconversão para cana de açúcar, soja, reflorestamento, e mesmo venda de pequenas, médias e grandes propriedades ou transferência para outros setores da economia.

Os programas de plano safra 2011-2012 para pecuária, o de retenção de matrizes, aquisição de reprodutores, integração lavoura-pecuária-florestas, bem como os programas de formação e reforma de pastagens, são muito bem vindos e praticamente imprescindíveis, pois se constituem em medidas anti-cíclicas ainda que tardias, e se não forem implementadas poderão acentuar o atual quadro de escassez.

Isto poderá no futuro de médio prazo, vir a reduzir o "poder de fogo" do Brasil no mercado internacional da carne bovina, situação esta que a Argentina está atravessando.